

**EU - PROFESSOR - CONSTRUINDO A HISTÓRIA  
DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA: MEMORIAIS DE PROFESSORAS**

*Maria Helena Camara Bastos\**

**INTRODUÇÃO**

"O homem é agente transformador da história. Mas qual será o lugar do homem na história e o da história na vida do homem?"<sup>1</sup>

O presente estudo pretende analisar e avaliar a tarefa de conclusão - **Memorial: Eu - professor- construindo a história da educação brasileira**, escrito pelas professoras que participaram do III Curso de Extensão do Projeto Cinco e Meia - Sindicato e Universidade Pensando o Cotidiano Escolar, realizado de abril a agosto de 1996, perfazendo 40 horas-atividade, iniciativa do Centro dos Professores do Estado do Rio Grande do Sul/Sindicato dos Trabalhadores em Educação - CPERS/Sindicato e da Faculdade de Educação/UFRGS.

A proposta de elaborar um **Memorial** - que fizesse uma reflexão sobre a sua trajetória pessoal/profissional, teve por *mote* as palavras de Nóvoa:

"esta profissão - professor - precisa de se dizer e de se contar: é uma maneira de a compreender em toda a sua complexidade humana e científica. É que ser professor obriga a opções constantes, que cruzam

---

\* Doutora em História e Filosofia da Educação. Professora da Universidade de Passo Fundo. Professora Titular no PPGEDU/UFRGS.

<sup>1</sup> NORA, P. (org). **Ensaio de Ego-História**. Lisboa: Edições 70, 1987.

nossa maneira de ser com a nossa maneira de ensinar, e que desvendam na nossa maneira de ensinar a nossa maneira de ser.”<sup>2</sup>

O **Memorial**, como um escrito em que alguém conta a sua vida, depende do grau de implicação de cada participante, do desejo e da capacidade de *fazer memória* da sua vida. Ele objetivou “despertar nos professores a vontade de refletir sobre os seus percursos profissionais, sobre o modo como sentem a articulação entre o pessoal e o profissional, sobre a forma como foram evoluindo ao longo de sua carreira.”<sup>3</sup> Além disso, procurou valorizar o professor como sujeito de sua história e da história da educação brasileira, pela reflexão sobre a educação inscrita no cotidiano da vida e no cotidiano escolar. A idéia foi que cada professor pensasse sobre sua própria *história de vida* buscando conhecer os “elos entre a história que fez e a história que o fez”.<sup>4</sup>

A história da educação brasileira escrita a partir dos professores e de suas *histórias de vida* é um fator de formação. No artigo “Retratando Mestres: a idealização do professor na representação da docência”, observamos que o professor, na idealização projetada, é um sujeito a histórico, enquadrado em um esquema abstrato que congela e ignora a sua história e a do outro, no sentido restrito e amplo, do ponto de vista micro e macro.<sup>5</sup>

Nessa perspectiva, ao escrever sobre si e seu trabalho, o professor se apropria de sua história e de uma parte importante de sua vida. Fazer história é perceber-se como atuante e capaz de participar do processo de transformação. Genro nos alerta que “por muitos anos a História foi elaborada a partir de documentos oficiais, da versão dos vencedores, dos heróis que, por suas ações extraordinárias, sobressaíram e projetaram-se na memória dos povos. Mas a soma de pequenas (grandes) vidas, de pequenos heroísmos, quem as compatibiliza para

---

<sup>2</sup> NÓVOA, António (org). **Vidas de Professores**. Portugal: Porto Ed, 1992. p. 9

<sup>3</sup> NÓVOA, A. (org) op. cit. p.9.

<sup>4</sup> NORA, P. op. cit. p.11.

<sup>5</sup> BASTOS, M.H. e COLLA, A.L. Retratando mestres: a idealização do professor na representação da docência. IN: GONDRA, J. (org) **Pesquisa histórica: Retratos da Educação Brasileira**. Rio de Janeiro: UERJ, 1995. p.91-98.

remontar a raiz de um povo?"<sup>6</sup> Resgatar a história de vida das professoras significa "reconstituir também a sua cultura, seu tempo, sua história, re-inventando a dialogicidade, a palavra, a memória, na tensão do particular e da totalidade."<sup>7</sup>

A intenção de valorizar o professor, como sujeito da história no/do cotidiano escolar, parte da necessidade que sentimos, como pesquisadores dessa história, no registro e conservação da memória profissional docente<sup>8</sup>, dos fatos e acontecimentos ligados à educação e ao ensino no Brasil. A idéia de que "a diversidade dos testemunhos históricos é quase infinita, tudo que o Homem diz e escreve, tudo que ele fabrica, tudo o que toca, pode e deve informar-nos sobre ele"<sup>9</sup>, nos parecia ser o estímulo para a elaboração dessa tarefa. O mote: publicação dos memoriais, que pretendia que os docentes empenhassem o máximo de si na realização da tarefa, outrossim, visava à conservação e à circulação dessa fonte de pesquisa.

O **Memorial** constitui-se em uma "história de vida", entendida como "o relato de um narrador sobre sua existência através do tempo, tentando reconstruir os acontecimentos que vivenciou e transmitir a experiência que adquiriu" onde "se delineiam as relações com os membros de seu grupo, de sua profissão, de sua camada social, de sua

<sup>6</sup> GENRO, T. Apresentação. IN: D'ANGELO, A.L. **Concurso Histórias do Trabalho**. Porto Alegre: PE/POA, 1995. p.3.

<sup>7</sup> NUNES, M.F. e PEREIRA, R.M. Da arte de narrar nas dobras do cotidiano - história de vida e memória na formação de professores. In: **O Congresso em livro - Leitura e Escrita em Portugal e no Brasil 1500-1870**. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 23-26 de janeiro de 1996..

<sup>8</sup> Sobre trabalhos envolvendo a memória profissional, ver: PETITAT, André. **Intinéraire de lecture d'un sociologue de l'éducation**. D'un mythe à l'autre. Perspectives Documentaires en Éducation. Paris: n°, p. 7-14; PLAISANCE, Eric. **Biographie et Recherche en Sciences Sociales**. Intinéraire et reconstruction biographique. Intinéraires de Recherche. Perspectives documentaires en éducation, n.23,1991, p29-47. PASSERON, J.C. **Biographies, flux, itinéraires, trajectoires**. Revue Française de Sociologie.Paris,jan-mars. 1990. HASSENFORDER, J. (org) **Chercheurs en Éducation**. Paris: INRP/L'Harmattan, 1992; HASSENFORDER, J. (org). **Lecteurs et lectures em éducation**. Paris: INRP/L'Harmattan, 1993. Le Mémoire Professionnel. Recherche et Formation. Paris: n°12,1992. GADOTTI, Moacir. **Escola vivida, escola projetada**. São Paulo: Papyrus, 1992.

<sup>9</sup> BLOCH, Marc. IN: LE GOFF, J. **História e memória**. Campinas: UNICAMP, 1990. p.107.

sociedade global.”<sup>10</sup> Assim, o lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado. A reconstrução do passado é relativa, é condicionada pelo presente. É o presente que aponta o que é importante e o que não é; portanto, é um interpretar: “é quando emergem os efeitos que se pode avaliar os acontecimentos.”<sup>11</sup>

Soares, ao elaborar o seu *memorial*, afirma que “não procuro conhecer o passado, não busco o que vivi, busco perceber o que estava pensando quando vivi; (...) qual era o meu discurso. Procuro pensar o vivido, deixar a experiência falar de si ...” .<sup>12</sup> Refletindo, poderíamos acrescentar: o que fazia e como fazia; o que pensava e como pensava; o que sentia e valorizava, como este processo ocorria. Em outras palavras, qual o complexo ideológico no qual todos estávamos/estamos envolvidos.

O percurso de formação e de transformação: origem familiar, trajetória escolar, trajetória profissional: formação, carreira, atividades e práticas docentes, participação no movimento sindical, atualização profissional, leituras significativas realizadas, visões da sala de aula, da escola, da educação, da sua disciplina, o contexto sócio-histórico da sua caminhada, foram algumas sugestões para orientar a elaboração do **Memorial**.

Dominicé, ao trabalhar com histórias de vida como processo de formação e reapropriação , enfatiza seu papel como meio de pesquisa para “identificar os processos de aquisição do saber e de revalorização epistemológica da noção de experiência.” Para o autor, a biografia educativa permite uma abordagem teórica do conceito de formação, “por constituir-se em um material de pesquisa proveniente da experiência de

---

<sup>10</sup> QUEIRÓZ, Maria Isaura Pereira de. Relatos Oraís: do “Indizível” ao “Dizível”. IN: SIMSON,, Olga (org) **Experimento com histórias de vida** (Brasil/Itália). São Paulo: Vértice ,1988. p. 20

<sup>11</sup> BASTOS, Maria Helena C. **Memorial: Idiossincrasias de um professor**. Porto Alegre: FACED/UFRGS, 1994. p.3

<sup>12</sup> SOARES, Magda. Travessia: tentativa de um discurso da ideologia. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**. Brasília, INEP, 65(150): 337-68, maio/ago 1984

vida daqueles que a conduzem.”<sup>13</sup> Produzir a sua vida é também produzir a sua profissão.

### LENDO MEMORIAIS

Foram entregues 15 **Memoriais**, número que não corresponde à frequência média de professoras no Curso de Extensão. Esse fato nos leva a pensar sobre a possibilidade da tarefa final ter, de alguma forma, amedrontado os participantes. Falar de si, de sua experiência é expor-se, situação para a qual as pessoas não estão preparadas. Outra possibilidade a considerar é a dificuldade de o professor produzir textos que representem o registro de suas práticas.<sup>14</sup>

A intenção desta *leitura de memoriais* é pontuar algumas falas, refletindo sobre a condição de produção de sujeitos e subjetividades.

O título dado ao **Memorial** por cada professora é significativo para refletirmos a tendência evidenciada em romantizar e em idealizar suas práticas educativas e escolares:

Lembranças da minha profissão.

Lembranças da minha caminhada no magistério.

Minhas vivências no magistério.

Quero ser professora.

Cada vida, uma história...

Repassando a memória.

Reconstruindo o passado com a visão do hoje

Minha história

---

<sup>13</sup> DOMINICÉ, Pierre. **L'Histoire de vie comme processus de formation**. Paris: L'Harmattan, 1994. p.167.

<sup>14</sup> Sobre a produção textual do professor, ver: TRINDADE, Iole M.F.O Texto do Professor: Processo de Produção Social e Escolar. In: **Coletâneas do Programa de Pós-Graduação UFRGS**. Porto Alegre, v.2, nº4, jan/fev.1996. p.19-34.

É significativo observar a *idealização da função docente* incorporada no discurso e na prática escolar. Alguns exemplos:

E foi lá no Julinho que descobri a minha verdadeira vocação de ser professora. Aos poucos estou conhecendo melhor o verdadeiro significado de ser professora. Ser professora é uma profissão muito gratificante. Tenho como espelho todas as professoras que tive até hoje, de cada uma guardo uma recordação muito especial. Hoje em dia o que mais gosto é de encontrar uma das minhas professoras e dizer que estou me preparando para ser igual a ela. Existe coisa melhor do que ser professora? (Tatiana, aluna Pedagogia)

Quando saio da aula, me contento em lembrar, que coloco o meu relógio a despertar às 6h, agradeço a Deus pelo sol que nos ilumina com seus raios solares, já que a profissão escolhida por mim foi grandiosa e posso contar as minhas histórias com algo de positivo e saber que continuo com vontade de algum dia vir a ganhar dinheiro... (Inês, 23 anos de Magistério).

A utilização desses dois excertos, distante em vivências, exemplifica essa tendência a uma representação idealizada do professor apropriada pelo próprio professor na sacralização da docência: "Agradeço a Deus a profissão que escolhi e com as experiências que adquiri e vivenciei e as que eu ainda irei adquirir e vivenciar com o passar dos anos, ajudarei a viabilizar uma Educação de qualidade" (Jane, 23 anos de Magistério), "Agradeço ao Senhor pelo privilégio de ser uma "Educadora de Coração" (Lúcia, Supervisora Escolar).

A opção pela profissão docente é apresentada como tendo sido tomada precocemente, desde a infância, como resultado das brincadeiras: "Optei pelo magistério pela paixão que tinha de ensinar. Já de menina, falava sozinha com as bonecas, eu era a professora, claro, e todas elas eram alunas desobedientes e que não faziam as tarefas de casa" (Eroni).

A história familiar parece ser outro elemento que conduz à opção profissional:

Ser professora, tarefa que já envolve três gerações em nossa família. Primeiro a avó que cursou o normal, mas não exerceu a profissão, tornou-se dona-de-casa e criou 9 filhos. Depois minha mãe que cursou normal e Faculdade de Pedagogia, hoje aposentando-se no Estado. A ação docente de minha mãe contribuiu na decisão de me tornar uma

profissional da área. Com o passar do tempo tornei-me, além de professora, uma grande amiga de "meus alunos", sabendo respeitá-los e sendo respeitada ao mesmo tempo. Em suma, posso dizer que ainda estou no começo de minha caminhada, com muitas alegrias e algumas perdas, onde apesar dessas perdas o espírito sempre continua vivo, levando em conta o lado humano que o fazer educativo deve conter (Vera, Informática).

O entusiasmo e o desencanto<sup>15</sup> do professor são falas recorrentes nos memoriais. O primeiro, predominante, privilegia uma visão romântica da função docente:

tudo era entusiasmo, vontade de crescer e falta de experiência. Eu na minha aula, atendendo crianças de 1ª a 5ª série, não entendendo como havia abraçado tudo aquilo, sem entender se eu teria condições de abraçar tão árdua tarefa, mas eu gostava. Estava me iniciando... Uma lembrança: vários presentes, uma cama cheia, pela passagem do dia do professor. Os alunos me adoram, faço uma revolução na Escola com exposições, participação dos alunos... Os primeiros anos que idealismo! Ou era deslumbramento? Ou era a total falta de coisa pra fazer? Afinal com 23 anos, a vida era um sonho...

Mensagens de esperança e a prática docente como uma utopia, na perspectiva de "uma projeção incessante em direção ao futuro, e não a introdução no presente de um outro espaço de luta e de vida"<sup>16</sup>, contribuem para uma visão otimista da profissão:

Eu era uma autodidata; sentia a necessidade de trocar com outras pessoas, contar para elas a minha realidade. Nesse percurso, comecei a imaginar a possibilidade de fazer pedagogia. A minha visão de sala de aula é um espaço de mil possibilidades, um lugar onde se pode criar, respeitando os diferentes ritmos de aprendizagem dos alunos, seus silêncios, suas perspectivas, sua identidade; penso sempre uma escola que seja menos repressiva e que busca a transformação para uma escola possível. (Joelma, aluna Pedagogia);

Sempre trabalhei em sala de aula e gosto disso. No início minha postura autoritária (para disfarçar a insegurança) atrapalhou um pouco. Cheguei a me questionar se era mesmo esse o caminho... mas sentia

---

<sup>15</sup> FARIA, Nedison. **O desencanto do professor**: um estudo do saber, do fazer e do poder. Porto Alegre: FAGED/UFRGS, 1995. Tese de Doutorado.

<sup>16</sup> FURTER & RAULET, 1979, p.16 IN: NÓVOA, A. **Inovação e História da Educação**. Teoria & Educação. Porto Alegre, n.6, 210-20, 1992.

uma satisfação interior e um entusiasmo quando me perguntavam se eu estava gostando de lecionar... era possível estar mentindo? ...não, eu gostava mesmo!!! E eu, Vera, estarei cumprindo meu papel de professora e cidadã, que acredita sempre na luta do trabalhador. (Vera, Informática da Educação);

Foi ficando para trás a idéia romântica de uma professora com seus alunos saudáveis, bonitos, bem vestidos... para dar espaço a uma nova visão de uma futura profissional que deveria lutar com muita garra, enfrentando muitos desafios, tendo habilidades, competência, conhecimento, comprometimento com a educação e, acima de tudo, paixão pelo seu trabalho. (Lúcia, Supervisão Escolar)

O desencanto é apresentado em relação à situação salarial, às condições de trabalho na Escola, à desvalorização da profissão pelas políticas do Estado: "ao longo dos meus vinte anos de magistério estadual, tenho tido tropeços - desinteresse do poder público pelo ensino, greves, intervenções em minha escola, falta de material para um trabalho mais qualificado, baixos salários" (Cora) ; à violência - "dois alunos do noturno deram uma surra no professor de Inglês".

Considerando que " os processos memorativos são relacionados a campos de significação na vida do sujeito que recorda"<sup>17</sup>, é natural a seleção e exclusão do que não é desejado recordar. Na maioria do Memoriais constatou-se um silenciamento das experiências negativas ou frustrantes, tanto na trajetória escolar como profissional:

O que mais me marcou no 1º Grau foram as aulas (e as professoras) de matemática, foram experiências traumatizadoras, até hoje não suporto esta matéria. Na 3ª série, tive uma professora que me obrigou a resolver uma questão de divisão. Segundo ela, eu só sairia do quadro-negro para o recreio quando resolvesse aquele cálculo, comecei a ficar nervosa e a não entender o porquê daquela situação; chorei e a professora puxou a minha cabeça e bateu contra o quadro-negro, e disse: "faz menina"! Não disse nada em casa com medo de piorar a situação; dali em diante comecei a colar nas provas de matemática; eu fiquei com muito medo daquela professora. (Joelma, aluna Pedagogia);  
Dar aulas aos vizinhos: nesta época o cotidiano era presente e muito forte na nossa sociedade e como eu não era exceção, agia com a mesma

---

<sup>17</sup> BOSI, Ecléia. A Pesquisa em Memória Social. **Psicologia USP**. São Paulo, 4 (1/2), p.277-84, 1933.

rigidez com meus "alunos", era "professora-mãe", agia de acordo com os modelos recebidos na escola e em casa. O professor era a autoridade máxima. O diretor era recebido, pelos alunos, em pé (só faltava bater continência). (Eroni)

Algumas professoras conseguiram assinalar contradições no discurso sobre a prática profissional, realizando uma reflexão crítica sobre a mesma:

Quando cheguei na escola, na minha primeira entrevista com a Diretora ouvi algo que por muitos anos "dirigiu" a minha conduta ou postura na escola: quando se entra na escola, se deixa todos os problemas lá fora; não trazer problemas particulares para dentro da escola. Essa foi a tônica da minha vida profissional, ainda hoje influi muito, mas já consigo questionar, como a escola pode ser levada para casa, através de trabalhos para corrigir, ou preparação de aulas, e as vezes alguns alunos incomodam tanto que é impossível sair da escola e esquecer (Ilse, Premen).

Esse discurso docente sugere uma certa postura de subserviência, passividade e incapacidade de gerar as necessárias mudanças no cotidiano escolar.

As práticas pedagógicas, as leituras realizadas, os referenciais teóricos adotados, os métodos foram pontos não abordados/ausentes nos **Memoriais**. Esse silêncio pode nos indicar o medo em expor-se, a ausência de uma reflexão crítica quanto a sua formação contínua. A participação sindical foi assinalada na perspectiva de participação nos movimentos grevistas e acompanhamento das reivindicações da categoria.

### **ALGUMAS CONSIDERAÇÕES**

A proposta de escrever um **Memorial** evidenciou receios, dificuldades e resistências que os professores possuem em escrever sobre si e sua prática. A formalização, mediante a palavra escrita, altera substancialmente o significado real da prática cotidiana, havendo uma tendência em *romantizar/idealizar* o fato vivido, selecionando alguns poucos eventos e *silenciando* grande parte da trajetória pessoal e profissional.

O trabalho de escrever *sobre si* é um importante momento de reflexão e de *ressignificação* das práticas docentes e da identidade profissional. Ao elaborar memoriais, os professores podem assumir e refletir sobre o *destino* de ser docente. No entanto, o que se percebe é uma dificuldade de distanciamento de si, uma falta de reflexão crítica de mundo e de sua realidade, do qual decorre uma *visão mítica* do cotidiano e uma certa imobilidade perante essa situação.

A primeira leitura dos **Memoriais** deixou uma sensação de frustração em relação à tarefa proposta. A expectativa residia em transformar cada professor em *escritor* do seu cotidiano pessoal e profissional fornecendo material *bruto* para estudo e reflexão. Em outro momento, constata-se que tal expectativa foi alcançada, na medida em que cada pessoa/profissão desvelou *fragmentos* de sua memória.

A produção de **Memoriais**, na perspectiva de dar um estatuto ao saber da experiência do professor e sua utilização como *monumento/documento* para escrever a história da educação brasileira nos coloca perante a questão dos fragmentos da memória, do campo de significações do discurso *docente*, para melhor compreendermos as táticas de apropriação e as estratégias de imposição das práticas e representações do fazer docente. A dificuldade de centralizar no vivido histórico, carregado do sentido do *possível*, faz com que a ênfase dos **memoriais** recaia nas contingências institucionais - escolares e governamentais.

A análise dos **Memoriais** possibilita repensar a prática educativa na perspectiva de que a vida é o lugar da educação e a *história de vida* o terreno sobre o qual se constrói a formação. O exame do processo de formação e de mudança se faz explicitamente sobre o modo como o *docente* percebe as situações concretas do seu próprio percurso educativo.